

VI Encontro da Lei do Anilzinho. 15-18 de Outubro de 1986.

Transcrição de fita de áudio.

Evento: VI Encontro da Lei do Anilzinho.

Local: Comunidade de Aranquebaua, município de Baião

Data: 15-18 de Outubro de 1986.

Participação: representantes de trabalhadores rurais de comunidades dos municípios de Igarapé Miri, Cametá, Moju, Mocajuba, Limoeiro do Ajuru, Baião, Bagre.

Moderador da Assembleia – Quem é que quer começar a abertura? Tem que vir aqui, tem que estar o gravador acompanhando. Companheiros vamos ganhar tempo porque temos até 5h.

Francisco, de Baião – A gente queria lembrar a questão da modificação da cor da água. Antigamente o rio Tocantins tinha uma cor, a água limpa, clara, a gente conseguia achar qualquer objeto de mais visão, assim no rebordo, numa certa profundidade. Hoje em dia tem uma colocação negra, negro como o Saci (risos), e que a gente percebe, tanto no inverno como no verão. Antigamente era só no inverno que a cor era turva, hoje é no inverno e no verão. A água modificou a sua cor, não sei se na sua composição, porque a gente ainda não teve uma análise mais profunda. A questão de limo, o lodo facilmente no ano todo se via, sempre se viu no rio Tocantins, na margem, na praia inclusive, quando baixava a água, fica a marca na praia, e hoje em dia as praias de Baião que eram utilizadas para banho, só é usada para o povo ..., mas as pessoas que querem ter uma vida lá não podem mais, porque está com uma coloração suja.

Benedito de Cametá – Uma coisa que a gente sentiu aqui no bairro do Cametá é o seguinte: foi a poluição da água, o povo agora não pode beber uma água dessa direta do rio. Isso para nós do povo que vivia tranquilo, foi o desespero. O povo da ilha vive completamente numa situação difícil, acabou o peixe que existia, esse peixe que tinha o povo na ilha, e tinha o povo do centro, hoje não tem mais. O camarão desapareceu. Quer dizer, coisa que nunca aconteceu, muito embora quando o povo via um peixe miúdo, graúdo, mas nunca acabou como num tempo desses. Se comemos algum peixe toda a região queria um peixe, de até o rosto é diferente desses que nós tínhamos, era um peixe sadio, saboroso, isso mudou. E a água como já se disse, o povo tem que ferver a água, com muito sacrifício, porque trabalha distante, tem que andar quilômetros com materiais, por causa que vem lá do E o poder de diarreia que está dando nas crianças e nos adultos. Pelo menos, quem vive na terra firme ainda vai até o poço, mas quem vive nas ilhas não teve a proteção da Eletronorte. E isso aí foi um desastre porque houve uma promessa da Eletronorte de ampliar poços nas ilhas para os ribeirinhos e com isso muita gente ficou pensando que depois de estar pronta a barragem, vão ser construídos esses poços que vai ajudar nas ocorrências. Esse foi um dos prejuízos que aconteceu. E a pesca.... Pelo menos, nós moramos nas cabeceiras do Tucupi que é um braço do rio

Cametá e nós nunca negou. E agora, para a gente baixar uma canoa na vazante, a gente tem que deixar a água está na hora de preamar, para poder baixar, agora não tem condições mais de baixar a canoa como de costume, ficou só aquela praia de fora. Isso foi uma consequência, que não foi providenciado o transporte para esse povo que sofreu a consequência da barragem, quer dizer é um povo esquecido, foi feito um grande desenvolvimento para o país, mas uma grande miséria para o povo cametaense. Quer dizer que um sofrimento desses, a gente na hora que aparecer pessoas pra gente denunciar isso, estamos prontos para falar, porque o sofrimento do povo não deixa mais a gente ficar calado. Então é uma oportunidade que nós tivemos e várias coisas ainda que outros companheiros poderão dizer por que eu não posso relatar tudo porque não tenho tudo agora no momento.

Jafé, de Cametá – Eu quero lembrar realmente da preocupação do povo de Tocantins quando essa barragem foi implantada em Tucuruí. E todo mundo no rio Tocantins começou a se preocupar pelo centro e isso aconteceu. Justamente as consequências da barragem apareceram na frente do povo de Tocantins. Quando ninguém esperava a água cresceu. No mês passado eu esperava que o igarapé secasse e não tinha. Esta seria terceira consequência. E a segunda consequência seria realmente o peixe que hoje nós comemos, não é mais o que a gente comia antes da barragem. Outro dia peguei um peixe grande no igarapé pensando que ia prestar, vivo saindo da água, e minha mulher foi preparar o peixe e não prestava, e estava completamente podre. E o peixe não tem mais gosto, é um gosto que não é mais gosto, a gente come e parece uma palha seca. Quando a barragem foi aberta, a gente via a água poluída, era um trabalho imenso pra gente coar a água e ferver. Diante das consequências também da diarreia que aparecia para as crianças e para o povo. A Eletronorte comece a pensar mesmo realmente diante da situação do povo de Tocantins.

Morador de Baião – Companheiros, a respeito da barragem, eu não venho falar aqui apenas na péssima situação de nossos peixes, nos problemas maiores de doença como diarreia e muitas outras coisas, mas também eu quero falar como eu, anos atrás, que eu fui dar cabo na Cachoeira, e vi como Jatobá, Itupiranga, Jacunazinho, Jacudandã, Cajueiro, andei por esses lugares por aí que hoje estão. Companheiros que viviam lá tranquilamente e hoje foram mudados para outras terras. Companheiros, para esses lugares ..., que vem da fazer de banana, hoje não se tem uma banana pra comer. A Eletronorte coloca os companheiros pra fora de suas terras e joga para aquelas terras que nada vale. Prometeram fazer tantas e muitas casas e na hora nada de pé. Isso é o culpado quem? O nosso governo, nosso presidente da república que é nosso representante do nosso representante do nosso Brasil. Isso me revolta, sinceramente como velho de classe organizada, (palmas). Companheiros, mete pena, chegam barcadas e barcadas de gente com diarreia, se cagando, isso mete pena, isso mete raiva, revolta muito a gente. Infelizmente quem está lá no poder a gente ainda não achou jeito de derrubar ele pra baixo, só que um dia vai haver oportunidade pra gente derrubar. Nossos lagos que viviam cheio de peixe, peixe sadio, hoje, cadê o peixe para gente comer? Companheiros falaram de quem vive nas colônias, as colônias também têm uma quantidade de coceira no corpo, coceira que dá no corpo e quase tira o couro da gente, por causa da barragem, quando a água gira esgoto, a primeira coisa que fui ver foi verificar a obra, eu vi o que acontece. Cadê nosso controle de água, hoje nós não

sabemos mais quando é inverno, quando é verão. Os rios que atravessamos agora andando, secaram nosso rio, nós vimos, tudo isso me revolta. É minha palavra que deixo aqui. Eu quero providência como brasileiro, providência botarem médico permanente pra nós em todas as cidades. Cadê nossos que prometeram de fazer e até hoje? Nossos companheiros que morreram lá e até hoje não se sabe pra onde foram. O culpado quem é? E o nosso presidente da república.

João Valente, de Bagre – o que está acontecendo em Bagre é que muita gente está com muita diarreia, atacando tanto os adultos quanto as crianças. Apareceu uma coceira no corpo das pessoas que não tinha antes. Em Bagre a gente não tem médico pra tratar dessas coisas. Eu acho que a gente tem que cobrar a presença de um médico pra combater essa doença e acabar com isso. São essas as minhas palavras.

Morador de Bagre – Companheiros, sobre a barragem, a gente está vendo em Bagre uma situação muito esquisita. Até os pais desconfiando, estão botando as filhas pra fora de casa, desconfiam das filhas, as meninas de Bagre têm problemas muito sérios. Uma coceira vaginal muito séria. Os pais expulsam as filhas pensando que elas estão na vida, que estão virando prostitutas, não deu mais para confiar nas filhas. E tinha o problema da água, uma coceira imensa que a gente sente, esse problema afeta também as mulheres. Nós sabemos que isso é consequência da barragem de Tucuruí, mas muitos companheiros se afastam do movimento, as meninas estão expulsas de suas casas porque os pais não entendem que isso é consequência da barragem. Será que não tem que tem um médico para ver isso? As pessoas não entendem que isso é consequência da barragem. Muitas promessas foram feitas. Tem o problema dos peixes e, também, a questão da luz. A gente em Bagre vive no escuro, cadê a luz que a Eletronorte prometeu prá nós? Isso são coisas que a gente está sentindo, além de tudo, tem o sofrimento das meninas filhas de família que estão sendo expulsas de suas casas, e não são culpadas, devido a safadeza da vontade e das consequências da construção da barragem de Tucuruí da Eletronorte.

Morador de Baião - Olha, a gente fica meio até assim muito baratinado, quando fala das consequências da construção da barragem. Coisa que há muitos tempos atrás, antes de fechar a barragem, tínhamos falado com segurança, nós da região de Baião, do sindicato de Baião nós estávamos preocupados com isso e fizemos uma carta pro presidente da república. Mas ele não admitiu, ele mandou uma carta que temos guardada essa carta até hoje no arquivo do sindicato, podemos mostrar na cara dele, ele disse que não ia acontecer problema nenhum com a barragem, não ia ter nenhuma consequência nenhuma. Mas sabíamos que isso era mentira dele, porque as consequências vinham, já tínhamos provas que isso ia acontecer, porque já tinham outras pessoas que tinham ido fazer pesquisas em outras barragens como a de Sobradinho e lá tinham essas consequências. Sabíamos que iam haver consequências, se lá tinha consequência aqui ia acontecer também. Mas temos essa carta que disseram que não ia acontecer, e aconteceu, só que estão ignorando. O que é mais triste é que vemos as donas de casa, os donos da casa esperando a água vazar, para tirar a água do olho, pra poder tomar, para poder fazer alimentação porque a água do rio não presta mesmo. A gente sente quando sai da água lama, e que essa água não era assim, e que não foi deus que fez ela assim. Foi o avanço do capitalismo que levou o a fazer isso. Primeiro quero dizer é que o presidente mentiu pro sindicato de Baião, está no arquivo

essa carta. Guardadinha pra provar pra qualquer pessoa que chegue. Eles mentiram. Se o companheiro Jorge de Bagre disse que está acontecendo isso, vai acontecer mais, sabíamos que ia acontecer o problema para as mulheres, o câncer de útero nas mulheres isso está acontecendo e vai acontecer muito mais infelizmente. Isso é muito triste.

Marcão de Bacalhau – Na Transamazônica não está tanto assim chegando as consequências, mas já tem bastante, não é tanto como aqui. Quando foram fechar essa barragem, o pessoal lembrou uma doença muito perigosa que é a esquistossomose, que é muito conhecida como “barriga d’água” e que talvez ia dar. Mas o pessoal da Eletronorte disse que era mentira, que não ia dar mas agora, depois de cinco meses mais ou menos, eles começaram a fazer exame, a SUCAM começou a fazer no pessoal e já encontrou no repartimento e no Maracajá alguns casos, novinhos, estão começando agora, e a gente está vendo mais ou menos que já é consequência da água represada, e lá ainda é pior porque a água lá não corre, é água parada que subiu daqui pra lá. Então, além dessas doenças tem o índice de pragas, demais mesmo, muriçoca, e outras pragas, demais mesmo. E depois outra consequência que já foi muito denunciada demais é a questão da terra, está acontecendo muita injustiça com o repartimento da terra, com o pessoal que foi tirado de lá da terra, ainda tem muitas famílias sem terras, tem uma enrolação muito grande com esse pessoal, estão jogando numa área muito longe, fica perto do maracajá no fundo, o pessoal está lá sem assistência e a gente tem certeza que é gente que foi tirada de lá. Não sei se os companheiros de Bacalhau e outros têm mais alguma coisa pra falar.

Moderador da Assembleia – Estamos com um horário determinado, nos aproximando das 5h. Vamos fazer o seguinte para facilitar a dinâmica da discussão. Temos ainda quantos companheiros inscritos? Com a inscrição da fala da companheira vamos encerrar as inscrições pra poder fechar. Pra não passarmos do horário que a gente estabeleceu. Concordam?

Lina – Quando falamos nas consequências da barragem, devemos falar que a consequência não é só no ribeirão, a consequência é geral. Porque nós moramos num lugar chamado Ovo do Caco, é quase no rio Butijó e onde a gente tem visto gente pobre que nunca se viu. E lá está aparecendo o mesmo tipo de doença que acontece aqui no ribeirão, acontece lá, a diarreia, a própria ameba também e outros problemas muito graves. Mas o que quero falar sobre a Eletronorte que como é que agora que a Eletronorte vem com nós aqui reunir e saber dessas consequências. Porque antes de formar esta barragem nunca vimos uma comissão vir aqui com a gente na base do Tocantins falar com a gente (palmas). Nós, companheiros e companheiras, pobres, trabalhadores, lavradores, operários, e concinados, nós fomos tratados como cachorros, não como cristãos, porque só para o cachorro é que se dá o comer, depois de nós comer é só depois de dar o comer, é que nós vamos dar pro patrão (palmas).

Adelino, de Igarapé Mirim - Companheiros, o problema lá em Igarapé Mirim para os pescadores é tão grave que a colônia de Igarapé Mirim, depois que foi aberta a barragem, 40% só que existe hoje de pescadores. Desse tempo pra cá, 60% já largaram a vida da pesca. Motivo: como vários companheiros já me antecederam falaram aqui, o sumiço do peixe. O peixe lá, em Igarapé Mirim, ele sumiu por completo. Os pescadores tiveram que abandonar a profissão e muitas vezes a terra. A maior parte dos pescadores foi para a Guiana Francesa pra procurar trabalho lá, longe da família, passando seis

meses longe. Outros foram para a cidade, trabalhar de carrinho de mão. E muitos procuraram serrarias, para trabalhar com esses Muller, que foi uma das piores consequências para nós de Igarapé Mirim. Outra coisa, a transformação do peixe. Os poucos que ficaram foram mudados completamente as características. Você vê um tucunaré como era antigamente, hoje parece um peixe pintado de carvão. E as consequências que os companheiros já colocaram, de doença. Pra nós a doença que mais nos tem afetado lá é a diarreia, porque a água transformou-se completamente. Um limo, nós, em certas terras altas é possível o poço. Mas lá que é várzea, é difícil o poço. Então, é um trabalho danado, é perder a água, filtrar, mas muita gente não tem esse cuidado e o que acontece é a quantidade de doença e, principalmente a diarreia.

Almir, de Baião – Bem, eu queria lembrar do fechamento da barragem. Quando fecharam a barragem nós tínhamos uma comissão, aqui em Baião, e o prefeito de Baião era o presidente da comissão. E ele também se envolveu recentemente na mobilização que tinha lá sobre a poluição da água, que a gente já vinha querendo saber. E isso não aconteceu. O que a gente viu, por exemplo, é que a água está aí, a água está correndo completamente, a água vai pra análise e a gente vê besourinhos na água, a gente nem sabe o que é aquilo. E recebe o certificado que diz que não vai afetar as crianças. Só que a gente vê que as crianças, com negócio de meia hora quando saem da água estão com febre e o que é essa febre que nunca aconteceu na nossa região? Por que aí? Será que é por olho de Exu? Claro que não. Claro que não, é consequência da barragem. Por exemplo, a lama, o rio está ficando com uma cor diferente, o peixe vai embora dessa água. O que é isso? É consequência da barragem. A gente vê por exemplo, o Carapanã, na nossa região aqui, o Carapanã era cheio de peixe, na nossa região aqui era cheio de peixe, hoje em dia seja inverno ou verão é uma tinta esse Carapanã aí. E ninguém está com raiva por isso. Agora a gente, vê por exemplo, uma comissão B, depois (...) de tanto tempo, (...) pouco apertado, é que vem uma comissão? Pra que isso? Será que o governo está olhando para a situação nossa, agora depois todas as crianças afetadas? Ou é de novo pra criar (...)? Você não é feliz, você tem que ver que o peixe não tem, camarão não tem, pescador está passando fome porque não sabe nem trabalhar com madeira, depois vai trabalhar pro centro trabalhar com madeira, em roça, mas não na pesca, a gente sofre com ele, que comprar o peixe dele, mas agora não se compra, não tem ninguém, não tem peixe, acabou tudo. Então é essa a nossa situação que a gente está sofrendo. Não é só o pessoal da beira do rio, mas é o pessoal do centro também. Quem é que vai dar um basta para isso?

Chicão de Cametá – É, eu não sei bem, quero dizer, a respeito do fechamento da barragem, a gente vê o pessoal das nossas ilhas, pessoas gravemente doentes, muita doença, muita doença mesmo. E os pescadores daqui da nossa região de Baião e Cametá eles estão passando para a pesca para o lago. (...) prá lá, porque aqui não adianta eles pescarem, tive contato com eles e eles disseram não tem peixe mesmo e o pior de tudo, eu não sei se foi pela barragem ou se foi castigo, depois de fechamento da barragem, ele trocou a cor (...), de branco virou preto (...). (risos), até apelidaram ele de () Vocês conhecem isso, mas não estou dizendo (...), sempre foi isso (...), mas isso aconteceu depois do fechamento da barragem. Outra coisa também é que nosso povo da ilha está sofrendo por dois fatos, primeiro que não tem mais com que se alimentar, e segundo que não pode mais usar a água, e porque não tem para onde ir, porque eles vão encher a

cidade e eles vão ficar lá sofrendo de mais doença ainda. Nós, de Cameté gostaria de tivesse uma visão (..) e o que chega de doente diariamente no hospital, na clínica, de inocentes, isso eu tenho contato diariamente com esse povo. E outra questão, que isso tudo aconteceu depois da barragem, aconteceu, a quantidade de limo que fica na beirada, (), mas só aconteceu depois de fechar a barragem. E outra questão, na nossa região, a grande esperança que lançaram nessa região foi a questão da luz, a grande preocupação da luz, esperando essa melhoria, mas quando fecharam (), um monte de gente acendeu a lamparina porque (risos). Veja bem, Cameté fica a 200km mais ou menos de Tucuruí, eu não sei muito bem qual é a distância. Pra lá tem luz elétrica, mas aqui não tem, tem lá em cima um óleozinho Gostaria de falar até mais tarde, mas vou ficando por aqui, mas esse é um ponto real.

..... – Quer saber do povo alguma coisa. Na frente vem apenas as promessas, mas para todo esse pessoal que está aqui presente que praticamente quase da região Tocantina é atendido pelo escritório de Cameté só porque lá tem três médicos que só sabem também fazer uma coisa, nós, Baião, Mocajuba e em outras regiões não temos médicos. Então, essa pesquisa, seria muito mais importante ser pelos médicos, porque a população fica morrendo na porta dos hospitais, as crianças e todo povo que vem da ilha, por questão de não ter um bom atendimento médico. Acho meio difícil fazer essa pesquisa porque não tem médico para dizer o que são essas doenças. Agora o povo que fica sofrendo vai dizer pelo menos o que é consequência da barragem. Pode até que eles coloquem outras consequências. Mas está se vendo claramente que tudo isso que está acontecendo foi depois da barragem. Hoje pelo menos, nós estamos diante de um movimento político e estão vendo alguma coisa que eles estão fazendo e se defrontando com o povo da região encima das consequências da barragem de Tucuruí. Mas antes disso era um problema esquecido, como a dona Lina falou aqui, quando montaram o projeto, o povo nem foi recebido nos gabinetes. Agora encima das consequências e no movimento político eles querem se julgar bonzinhos e chegar em frente ao povo e querem saber das consequências da barragem de Tucuruí (palmas).

Jorge de Baião – Olha pessoal logo que foi colocada a barragem (...) ninguém consultou a gente. Foi imposto de acordo com o registro que existia (...) foi tomada nossa região pra fazer, (...) sem nos consultar e sem nos compensar de alguma forma. Colocaram lá. A gente gritou, a gente falou, a gente não queria que fosse fechada, que fosse cheio o lago, antes que cortar toda a madeira que ia ficar lá, mas a nossa voz foi pro ralo. Encheram e acabou. As consequências estou falando, (...) gastrite aqui na região (...) porque a gente não tem condição (...). Então, a gente gostaria de, já que a situação já está feita, como disse a senhora Lina “comeram, encheram o bucho, agora o resto (...) pro cachorro”, nesse restinho que fosse olhado com um pouco mais de responsabilidade, não mandando só cientistas sociais aqui que é muito bom, mas que desse verbas para mais hospitais, mais médicos, realmente tivessem o compromisso de assistir toda a população, que houvesse verba também através dos bancos para os companheiros trabalhadores rurais tivessem como levar um outro trabalho porque a pesca está se tornando sem condições. Com o número de pescadores, o peixe não dá mais para atender a todos. Tem que mudar, porque não existe mais produção ali, o camarão não existe mais, todo mundo sabe disse. Ali onde o pessoal pescava o camarão, não existe mais. Tem que ter outra opção porque a responsabilidade é do

governo, é da Eletronorte porque a natureza naturalmente cobria as necessidades do povo daqui. Então se o governo, se a Eletronorte achou de explorar essa área, executar, se ela disse que isso era um investimento bom pra nação, deve ser bom para o povo. Só que o lucro deve estar indo para a Eletronorte, porque a energia está indo pro Nordeste, está alimentando (...) energia, e isso é pago e cadê esse dinheiro? Vai tudo pra (...) Eletronorte que dá para o governo disfarçado para os políticos aí comprar votos para o pessoal. (...). Cadê esse dinheiro investido na região (...), em assistência social, em investimentos para que a população possa se livrar dessa praga? Era isso que eu queria falar (palmas).

Leopoldo de Cameté – Bom, companheiros, eu vim aqui somente não para falar sobre a barragem, mas somente sobre o que nos atingiu sobre o baixo de Cameté. Nós procuramos na ilha, porque somos pescadores, nós devemos (...) muito grande. Até nossa própria moradia quando fecharam a barragem de Tucuruí, ela foi devolvida pela água, e (...) aérea, porque ninguém tinha pra onde ir, devido que a Eletronorte prometeu que vinha nos buscar até de barco para nos colocar em outro local aonde a água não fosse nos atingir. Mas sobre isso até tudo bem, mas nosso sangue mesmo, que é o camarão, mapará e outros peixes estão (...). A luz que ela atingiu pra nós é aquela água que está alumando agora o nosso destino, que dá essas doenças (palmas) (...) o povo de Tocantins, não só os que moram na cidade, mas os que moram no interior em ilhas. Era só isso (palmas).

(Orador não identificado) – Companheiras, o que eu queria dizer é que realmente foi o compromisso da Eletronorte com as empresas estrangeiras que deixou nós aqui só com a vivenda. Mas se a gente quiser refletir é o seguinte: a promessa era que a luz ia ter toda cidade, vila, interior, todo mundo ia ter luz. Mas só vi que esta promessa é uma luz e a barriga vazia. Isto é que está acontecendo. Agora, (...) nós chega na cidade e muitas vezes não tem carne e mesmo o povo que não tem o que ganhar, o que dizer ninguém dessa situação fica passando miséria lá no interior. Não tem peixe, o gado está (...), os fazendeiros estão organizados e o povo cametaense fica passando necessidade. Isso gente faz a lágrima de muitos companheiros cair, porque vê seus filhos com fome que tirava da natureza e hoje não tem. Outra coisa, por exemplo, agora que está vindo esta pesquisa, que já era para vir a mais tempo, por exemplo, a febre amarela que também produz por esses insetos, por essa (...) de água parada, então esses insetos invadem as áreas (...), tem a febre amarela e outras consequências. E isso o povo do interior não tem nenhuma vacinação contra isso. Já ouvi dizer que tinha na cidade, quando o povo do interior nem está sabendo disso. E quando muitas vezes tem alguns (...) no interior e não temos nada, não temos médico, demora semanas e semanas para tratar de uma assistência pra gente. Então isto a gente achou que o compromisso real da Eletronorte é apenas com os países estrangeiros e não com o povo brasileiro. E apenas gerar energia pra produzir ferro, esses minérios que vão produzir e que vai pra exportação. E ficamos aí, o povo não (...) (palmas)

Moderador da Assembleia – Dona Iolanda, ela é a advogada Iolanda que está trabalhando com os companheiros desapropriados da barragem de Tucuruí, Jacundá, Itupiranga (...).

Iolanda – Companheiros, além de todas as consequências que a Eletronorte trouxe para toda região do Tocantins, tem uma questão muito importante que é justamente a

indenização das pessoas que foram desapropriadas de seus bens. Então, as pessoas que moravam no centro (...) tinham um futuro, tinham gado, tinham enfim sua vida toda, foram simplesmente jogadas (...) na cidade de Jacundá, na Nova Jacundá e estão lá morando ao redor da cidade em (...). Os companheiros de Jacundá, através do sindicato da barragem (...) reuniram cerca de 300 pessoas no barracão (...) e fizemos um levantamento do que as pessoas tinham quando foram desapropriadas, o que as pessoas tinham quando o rio tombou a cidade. Foi um trabalho lento, um trabalho longo, um trabalho difícil, família por família, perguntando se tinham pilão, o que tinham construído, quantas mesas tinham, enfim todas as características das pessoas que moram no campo, dos trabalhadores rurais. De posse desse levantamento, entramos com uma ação em Tucuruí reivindicando indenização para a Eletronorte. Está faltando o que? Várias pessoas, vários trabalhadores rurais tinham sido procurados pelos técnicos da Eletronorte, um pouco antes, e tinham assinado um termo em branco, desistindo de qualquer tipo de indenização, desistindo de qualquer tipo de pagamento. Então tinham esses companheiros que tinham desistido de tudo, tinham companheiros que tinham desistido parcialmente e isso era uma coisa muito difícil da gente trabalhar. Então vamos fazer o que? Vamos reivindicar indenização parcial em vez da indenização total junto a justiça. Entramos com uma ação de indenização na Comarca de Tucuruí. Ocorre o seguinte: a juíza passa 2 dias em Tucuruí e o resto do mês em Belém. Como pode um processo assim? Então é a própria Eletronorte tira vários meios de sobrevivência nessa área, e ainda tira o meio que é de reivindicar judicialmente uma coisa a que os trabalhadores têm direito. E hoje, o processo está praticamente parado em Tucuruí por falta de um juiz na Comarca. Ocorre que o sindicato dos trabalhadores de Jacundá está tentando impulsionar essa luta, está tentando travar com os trabalhadores cada vez mais, isso são apenas 300, mas tem centenas de milhares de trabalhadores que existem em Jacundá (...) foram desapropriados, é tudo foi tomado pela Eletronorte, e nada indenizado. O sindicato de trabalhadores rurais está tentando levar judicialmente essa luta, mas termina sendo assim quase impossível porque é uma questão da política de reivindicação. É uma questão mais política e precisa de uma resposta imediata. Os trabalhadores não conseguem, por que? Porque a juíza nunca está na comarca, porque manda a juntação para a Eletronorte e Brasília não responde e vai enrolando e tal e tal. São todas essas questões que a nível imediato, não tem nenhuma resposta. A Eletronorte, a única coisa que fez (...) nos interiores, nas comunidades e foi fazer os trabalhadores assinarem um termo em branco para que eles desistissem de qualquer tipo de indenização. Eles possuem esse documento. Eles estão tentando reverter a (quantidade) de provas (palmas).

Moderador da Assembleia - Encerramos as inscrições, estamos passando do horário, mas vamos passar para os demais companheiros para o que eles sentiram da exposição dos companheiros dos municípios que falaram, se tiverem perguntas anda temos alguns minutos.

Representante Engevix - (...) os companheiros de Jacundá, com a Maria de Jesus, tomamos conhecimento de todo esse tipo de processo (...) alagado, o pessoal que foi indenizado, (...) que está sendo (...). O que eu posso dizer para vocês é que senti nas intervenções duas ordens de problemas. (...) a gente está com ações concretas (...), uma série de queixas e reivindicações muito concretas e eu gostaria inclusive de informar

que essa pesquisa, uma parte dela é feita através desse tipo de reunião que estamos querendo inclusive pensar com vocês uma forma de poder repetir esses encontros numa outra oportunidade e a outra parte é uma pesquisa que está sendo feita também junto ao pessoal da (...) alguém falou aqui que seria importante a gente discutir com o pessoal da área de saúde, para tentar identificar exatamente quais são os problemas e pensar que tipos de soluções estruturais junto a área médica, para enfrentar estes problemas, estas doenças todas que vocês estão colocando. A outra lógica de problemas é uma queixa também no sentido de porque a Eletronorte só hoje está mandando uma comissão. Eu só tenho a lastimar que isso não tenha sido feito antes (...) não posso responder por esse tipo de procedimento que é anterior ao nosso contrato, digamos para fazer esse trabalho. Agora por outro lado eu acho que a Eletronorte está sensibilizada com esse tipo de problema e é por isso que ela contrata uma firma para fazer esse levantamento e para buscar soluções. O buscar soluções, hoje, como falei no início, o tipo de prática de trabalho que a gente propôs, é contemplar justamente esse ouvir as comunidades que, para nós, é uma questão fundamental. Então o que poderia dizer para vocês é isso, que a gente vai levantar a partir desses depoimentos de vocês, todas as queixas que estão sendo feitas, e por outro lado acho que é importante que a gente pense em ter uma forma de comunicação com a equipe que está fazendo esse trabalho para que vocês possam acompanhar o desenvolvimento dos trabalhos. Pra mim acho que isso é importante. A gente não veio aqui hoje e depois ciao, levamos as reivindicações e nunca mais se volta. Esse compromisso a gente pode assumir com você hoje, (...) qual é a melhor forma de comunicação, vai ser através de (...) Cametá, através de sindicato, para mantermos outros contatos com vocês. Está prevista uma viagem (...) a gente poderia ter uma forma de comunicação para que pudéssemos fixar um local e um dia de reunião. Era isso que eu queria dizer.

Moderador da Assembleia – A gente entendeu da falação, que nós temos que dar continuidade a esse trabalho. A proposta que foi levantada aí e que é a de um outro encontro que possa fazer de novo como estão caminhando essas reivindicações. A gente poderia falar algumas coisas daqui, para poder dar os passos a frente. Segundo o depoimento feito pelos companheiros, saíram completamente as consequências da construção barragem. As questões imediatas que devem ser resolvidas urgentemente, já que essa barragem não é mais um sonho, mas uma realidade. Não era o nosso dever, mas como (...) a barragem está aí e os problemas estão aí e os companheiros levantaram. A gente entendeu que há dois canais e que podem se conciliar aqui (...) Cametá ou via sindicato, ou seja, pode haver (...) que reunidos em Cametá e levantar uma proposta que quando se reunir de novo com a direção do sindicato e a prelaia de Cametá com a equipe. E que avaliassem o que foi levantado aqui (...). E se algum companheiro entendeu diferente e quer levantar uma proposta, está aberto. Foi entendido o que eu coloquei? (muitos companheiros respondem que foi). Então concretamente é o seguinte: daqui com um mês e pouco está voltando e esta região de novo a equipe, não está?

Representante da Engevix – O prazo a gente ainda não tem certeza.

Moderador da Assembleia – O prazo que for da equipe mais ou menos organiza. O que concretamente o pessoal deveria propor para esta equipe? Uma reunião não com (...), mas se possível com a direção do sindicato e com a prelaia de Cametá. Todas as reivindicações feitas pelos companheiros devem ser reavaliadas se alguma coisa

concretamente já tem, ou já vai ser implantada. Foi o que entendi, daí dar o segundo passo. A perspectiva deles é de que a Eletronorte está preocupada com o problema e tem interesse em resolver esses problemas, é o que ela está colocando. E que ela não veio pela primeira vez só, vai voltar de novo aqui. Está entendido? (respondem que sim). Então eu gostaria de alguém levantar alguma proposta, se direção do sindicato e a prelazia assumiram um encontro com ela, e aí marcaria o encontro, o local, o dia, o mês e tal. Jorge tem alguma proposta?

Jorge – A minha proposta é o seguinte: quem deve assumir essa tarefa como representante da categoria, é o sindicato, a CUT, a CPT e a prelazia de Cametá (palmas)

Moderador da Assembleia – Essa é a proposta do companheiro aí, agora vamos ver os outros.

Orador não identificado – Reforçando a proposta dele, mas além disso tenho mais uma questão, saber da comissão se ela tem condições pelo menos de ajudar os companheiros que estão distantes pra vir pra Cametá, não é só isso (...) daqui há um mês (...) nós não temos condições financeiras. Se a comissão tem um jeito de bancar a vinda prá cá de todos porque nós teremos que vir daqui um mês pra cá. É fundamental que os companheiros se desloquem para esse local.

Moderador da Assembleia - Mais algum companheiro tem proposta? Vamos conciliar as duas propostas que foram levantadas: a proposta do companheiro que além dos sindicatos daqui da região, a prelazia de Cametá, a CPT que vem acompanhando esse trabalho desde antes da inauguração da barragem e a Central Única dos Trabalhadores e toda essa experiencia que vem de lá, junto, pra discutir com a equipe. E a proposta que o companheiro levanta é que pra gente sentar num determinado local, a direção dos sindicatos, a CPT, a CUT, Igreja, para que essas pessoas se desloquem, para ir para Cametá depende de dinheiro pra ir e voltar, despesa. Os sindicatos daqui são pobres, não podem fazer isso. Ele levanta a questão que essa despesa seja custeada pela Eletronorte, pela comissão essas despesas. Essa é a proposta que o companheiro levanta. As despesas para este encontro e vinda desse grupo de pessoas. A amarração das duas propostas. Assim depois a gente vai checar isso.

Jovelino – Eu acho que deve ter a comunidade dos pescadores.

Moderador da Assembleia – Nós temos colônias de pesca, inclusive está aqui o companheiro Jovelino é um presidente de uma colônia de pesca de Igarapé Mirim que tem problemas sérios com a questão barragem, com a questão do peixe. Ele levanta a questão da presença dos representantes da colônia de pesca. É uma proposta que referenda na outra que é uma questão econômica. Eu gostaria de primeiro saber se os presidentes de sindicatos que estão presentes aqui, direção sindical, a prelazia de Cametá, a Central Única e a CPT, se tem alguma discordância com essa proposta? Se alguém tem discordância com a proposta pode levantar a mão. Como ninguém se manifesta, ninguém discorda. Está referendado que estas entidades representem os trabalhadores da região e vou submeter a votação nessa plenária. Para que nós posamos ter condição de representá-los. Está entendido? Os companheiros que concordam que a CPT, a prelazia de Cametá e a CUT juntos representem o baixo Tocantins, em nome dos trabalhadores dessa região, se estiverem de acordo levantem o braço (...) O companheiro levanta a questão do relatório (palmas). Bem, aprovada pela plenária essa representação

dos trabalhadores, essa comissão das entidades aqui presentes, mas tem uma questão que precisa ser resolvida, e que os companheiros daqui poderiam responder, foi uma reivindicação do companheiro de Bagre, que é a de custear esse emprego, se a equipe tem condições de custear esse encontro, quando for marcada a data, de um dia, dois dias, para se sentar e estudar como vão ser os próximos passos.

Representante da Engevix – Essa equipe não pode responder a essa pergunta imediatamente porque ela não tem, como já foi falado antes, poder nem de representação para decisão com gastos, tanto da Eletronorte, ou mesmo com gastos da empresa que nós representamos que é a Engevix, contudo acho que é uma proposta que pode ser acolhida e o passo que proponho seja dado é o seguinte: com estas propostas aprovadas, com a criação dessa comissão (...), como nós teríamos entre hoje, um outro encontro, e teríamos alguma mediação, talvez através da Prelazia de Cametá, porque tem telefone, eu diria que essa comissão fizesse esse orçamento do que vai precisar de gastos e esse orçamento seria submetido por nós e então se veria qual seria então a resposta a ser dada. Eu acredito que problemas de locomoção, estou falando em nome pessoal, não estou falando em nome de qualquer empresa, que a locomoção não seria grande problema de locomoção, uma vez que a Eletronorte tem veículos, embarcações e talvez possam, pelo menos uma parte desse custo seria coberto. Mas isso seria objeto de um orçamento e esse orçamento nós submeteríamos à concessionária Eletronorte e à empresa que representamos e isso seria objeto de estudo.

Moderador da Assembleia – Segundo o que é colocado, isso fica ainda não aprovado. Fica decidido fazer o orçamento dos custos do próximo encontro, e fica reforçado que depois feito esse orçamento a prelaia de Cametá apresentar a Eletronorte e a empresa da equipe para ser aprovado. Concretamente, está amarrado um próximo encontro, e eu gostaria que antes de sair desse encontro, nós, depois, sentaríamos, no final do encontro, para decidir com as direções para se fazer o posterior encontro com a equipe. Hoje a equipe, porque deve ter pressa pra voltar, poderia dizer qual seria a data logo, para a gente ver como agilizar esse encontro com os dirigentes sindicais. No princípio de janeiro? Meio de janeiro? No meio de janeiro, essa é a proposta que a equipe está colocando, que ela venha para que a gente possa se reunir com ela e fazer uma avaliação e levantar outros problemas que poderiam surgir. Podemos marcar um dia?

Representante da Engevix – Está previsto no nosso trabalho, e trouxemos pra vocês essa proposta de um próximo encontro, mas a questão da data do encontro depende de uma série de questões muito burocráticas e a gente não pode decidir aqui. Seria difícil definir agora já determinar essa data, dizer se na primeira ou segunda quinzena de janeiro. No nosso plano de trabalho está previsto uma viagem aqui em janeiro. O que é possível sim, voltando pro Rio dentro de quinze dias, a gente teria uma forma de se corresponder com vocês e diríamos qual a melhor data pra nós, uma data que satisfizesse. A proposta é que a gente se reúna depois com o pessoal do sindicato, ver qual queria a melhor data para o sindicato e depois veríamos como coincidir o interesse de todo mundo. Está claro?

Moderador da Assembleia – Bom. Reúnam com a direção do sindicato e vejam como amarrar essa data. Também, é necessário que vocês nos deixem o endereço e telefone dos sindicatos de vocês, para manter o contato se necessário. Bom, companheiros

vamos parando por aqui o horário já estourou. A direção do sindicato, a Prelazia, a CUT, a CPT, ficam aqui presentes para conversar com a equipe e marcar a data e daí, inclusive, é um meio de ver como agilizar outras questões de despesas. Amarrado esse ponto. Eu não sei, me parece que tem um companheiro de vocês, não se apresentou, faz parte da equipe? É da empresa?

Representante da Engevix – O companheiro Adauto trabalha no Centro de Professores (...) de Tucuruí, ele vem nos acompanhando nessa viagem, mas não faz parte da empresa.

Moderador da Assembleia - Fiquei preocupado porque não se apresentou. Fica encerrada, a direção sindical encerra e vamos cantar o canto final.